

DAVID M. BARNETT

O  MEM

QUE FOI PARA

MARTE

PORQUE QUERIA FICAR

SOZINHO 

Tradução de  
Ronaldo Sergio de Biasi

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

“Quando começarmos a compreender que a própria Terra é uma espécie de nave tripulada viajando pela infinitude do espaço, vai se tornar cada vez mais absurdo que não tenhamos organizado melhor a vida da família humana.”

Hubert H. Humphrey, Vice-presidente dos Estados Unidos, 1966

★ ★ ★

“Acabou tudo bem de novo.”

George Formby

# Parte Um

\* 1 \*

## 11 DE FEVEREIRO DE 1978

Há muito tempo, em um cinema muito, muito distante de onde ele está agora, um menino e o pai adentram a escuridão. O menino segura um saco de chocolate Revels e uma pipoca pequena junto ao peito, enquanto o pai o conduz pelo corredor com a mão firme em seu ombro, o carpete grudando nos pés. O filme ainda não começou, mas o rosto dos espectadores já está voltado para as propagandas, banhado por uma luz clara. Fios de fumaça de cigarro se entrelaçam e se embolam no espaço escuro entre a tela e a plateia. Surge das fileiras lotadas um murmúrio abafado de conversas sussurradas.

Thomas Major nunca se sentiu tão feliz. É seu presente, pelo aniversário de oito anos, ir ao cinema de Glendale assistir a este filme que morria de vontade de ver, como se já fosse, como se sempre tivesse sido, parte de sua vida, marcado no seu DNA. Em casa, cuidadosamente arrumados na escrivaninha do seu quarto, estão os presentes que recebeu no dia do aniversário, no mês anterior: um LEGO Cantina de Star Wars, que inclui bonecos dos alienígenas, Snaggletooth e Hammerhead, que podem ser encaixados em pequenas bases que giram e se inclinam como se os personagens estivessem lutando; e uma gravação da trilha sonora do filme executada pela Orquestra Filarmônica de Londres, colocada cuidadosamente ao lado da velha vitrola Dansette de sua mãe e da pilha de velhos discos de 45 rotações que ela lhe deu para tocar na vitrola.

Agora, Thomas e o pai vão ver o filme. O filme de verdade. No fim de semana de estreia. Eles enfrentaram uma fila que dava volta no quarteirão para entrar no cinema mais antigo de Caversham (e

um dos mais antigos de Reading) e, enquanto esperam, Thomas pergunta ao pai se ele gostaria de viajar para o espaço.

— Aposto que quando você for da minha idade haverá cidades na lua — diz o pai. — Mas isso não é pra mim. Não tem atmosfera. — Ele gargalha e dá um tapinha no ombro de Thomas. — Você pode ir morar lá. Como naquela música, “Major Tom”. Sua mãe estava esperando você fazia três meses quando a música foi lançada. Acho que foi por isso que ela quis te chamar de Thomas. Agora ela está grávida de três meses de novo. — O pai faz uma pausa e olha para Thomas. — Minha nossa! A música mais tocada no momento ainda é “Figaro”? Não consigo me imaginar gritando esse nome na porta dos fundos na hora do jantar.

— “Space Oddity” — corrige Thomas, distraidamente. — O nome da música não é “Major Tom”, é “Space Oddity”.

Enquanto esperam na fila, um carro bege passa pelo cinema. Frank Major assovia.

— Olha lá. Um Volkswagen Derby. Acabou de ser lançado ano passado. Adoraria ter um desses. — Ele cutuca Thomas. — A gente ia parecer uma dupla maneira rodando com um carro como aquele, hein?

Thomas dá de ombros. Ele não se interessa muito por carros. O pai continua:

— Talvez a gente compre um esse ano. Mas eu estou com vontade de construir um jardim de inverno. Aumenta o valor da casa. Talvez a gente devesse transformar o sótão em um quarto também. Tem uma casa na rua ao lado da nossa com um jardim de inverno e um sótão convertido em quarto que foi vendida por quase vinte e três mil no ano passado, você acredita?

Ainda é de tarde, mas o céu já adquiriu um tom azul-escuro, a lua cheia surgindo no horizonte, acima das telhas pretas.

— Parece uma moeda de dez centavos — diz o pai.

Thomas fecha um olho e coloca a lua entre o polegar e o indicador.

— Peguei, papai! Peguei a lua!

— Guarde no bolso, filho — diz ele. — Você nunca sabe quando pode precisar dela. Venha, finalmente vamos entrar.

Thomas coloca a invisível e imponderável lua de dez centavos no bolso da camisa marrom de colarinho largo. O estômago de Thomas está agradavelmente forrado com o hambúrguer que ele comeu no almoço, mas ainda há espaço para guloseimas. O pai balança a cabeça e fala sobre ele ser um “saco sem fundo” antes de dar o dinheiro para o funcionário da lanchonete do cinema.

Agora o pai o está guiando para um único assento vazio na ponta de uma fileira, perto de um casal com três meninas pequenas. Thomas sente um frio na barriga, algo que não consegue descrever. Ele olha inquisitivamente para o pai.

— Mas só tem um lugar.

— Espere aqui — diz o pai, indo falar com a moça que vende sorvete.

Ela tem um cabelo que parece ter sido esculpido em granito e o rosto combinando, que ela vira na direção de Thomas, seu olhar irritado encarando-o com dificuldade na penumbra. O pai entrega a ela uma nota de uma libra e recebe dois sorvetes. Ela olha de novo para Thomas e depois para o pai, que faz uma careta e lhe dá outra nota de uma libra. Depois, ele volta até onde Thomas está, com a mulher atrás dele. Thomas está com o saco de pipoca equilibrado nos joelhos e os Revels no bolso. O pai coloca o sorvete nas mãos de Thomas.

— Thomas, meu filho — diz ele. — Papai tem que sair para cuidar de um negócio.

Thomas olha para ele e pisca os olhos.

— Que negócio? É o filme?

— Está tudo bem. É muito importante. É... — Ele olha para a tela, como se ela pudesse lhe dar alguma inspiração. — É uma surpresa para a sua mãe. — Ele toca o lado do nariz. — Seguindo as regras das saídas só dos homens, tá? Isso fica entre a gente.

Thomas também toca o lado do nariz, mas sem muita convicção. Ele sente um abismo se abrindo em sua barriga. O pai diz:

— Essa é a Deirdre. Ela vai tomar conta de você até eu voltar.

A mulher olha para Thomas com desdém, a boca formando uma linha fina e pálida, como se o escultor não tivesse se dado ao trabalho de fazê-la parecer humana.

— Quanto tempo você vai demorar? — pergunta Thomas, com a sensação de que toda a escuridão do cinema pesa em seus ombros, sentindo-se profundamente solitário.

— Estarei de volta antes que você se dê conta — diz o pai, piscando o olho.

Então a música começa e Thomas vira para olhar para a tela, que se enche de estrelas e de palavras que começam a se afastar dele lentamente.

É um período de guerra civil. Partindo de uma base secreta, naves rebeldes atacam e conquistam sua primeira vitória contra o perverso Império Galáctico.

Thomas olha de novo na direção do pai, mas ele já foi embora.

\* 2 \*

## A CABANA A 35.000 QUILOMETROS DE ALTITUDE

*5 Horizontal: Nossa estrela, um romano, oferecem (7)*

Thomas Major fecha os olhos para pensar e chega à conclusão de que a melhor coisa que existe é o silêncio. Nada de carros buzinando, pessoas gritando, motores roncando, telefones tocando, sem bip-bip-bips de caminhões de lixo dando marcha à ré.

Nada.

Nada de campainhas de porta, músicas de mau gosto a todo volume, portas batendo, televisões berrando.

Apenas o silêncio.

Nada de locutores de rádio idiotas, notificações incessantes de mensagens no celular, britadeira no asfalto, músicos de rua assassinando os clássicos.

Nenhuma das coisas classificadas em sua cabeça como *ameaças auditivas*.

Thomas Major sempre quis morar numa cabana de madeira nos fundos do quintal. Encasulado e isolado, longe de todas as pessoas e seus ruídos detestáveis, ele bate com a ponta do lápis na primeira página de *O grande livro do Guardian de palavras cruzadas realmente difíceis* e volta a pensar. O som do lápis batendo no papel é um som agradável, um acompanhamento para um exercício mental honesto. É um som que é seu, um ruído que é seu.

Assim como o barulho que faz ao sorver um gole de chá, um chá quente e doce demais. Ninguém presente para reclamar da sua falta de educação. Ele pode fazer os barulhos que quiser. Bochecha o chá na boca até que esteja suficientemente frio para gargarejá-lo ruidosamente.

— Toma essa — diz, depois de engolir, para absolutamente ninguém.

Durante a vida toda desejou ter sua própria cabana. Tinha inveja dos homens que podiam desaparecer nos fundos do quintal e se trancar longe de tudo e de todos. E agora, ali, no seu quadragésimo sétimo aniversário, ele está finalmente só, livre para fazer barulho bebendo chá, livre para passar o tempo que quiser fazendo palavras cruzadas. Vinha reservando este livro e seus 365 passatempos diabolicamente difíceis para o momento certo. Ele bate de novo com o lápis no papel. Um romano? Oferecem?

Como Thomas Major pode fazer o que quiser neste lugar, ele decide que gostaria de ouvir um pouco de música para ajudá-lo a pensar. Música de verdade, diga-se de passagem, não o tum-tum-tum em carros de luxo dirigidos por jovens exalando arrogância. Ele gostaria de estar com toda a sua coleção de discos de vinil, mas havia o problema da falta de espaço. Por isso, tratou de digitalizá-los, cada faixa, do lado A e do lado B, cada disco raro, cada disco flexível que viera colado na capa de uma revista. Tudo. Já que é o seu aniversário, ele acha que gostaria de ouvir algo inspirador e jovial, como The Cure. Ele liga o terminal de computador, fazendo careta para os barulhos e zumbidos complexos que a máquina produz, e opta por *Disintegration*. Um retorno magnífico ao estilo melancólico, de 1989. As faixas são organizadas em modo aleatório, algo que



não agrada a Thomas (um LP deve ser tocado na ordem escolhida pela banda), mas ainda não descobriu como desligar essa opção. A primeira música a ser tocada é “Homesick”: “com saudade de casa”.

Thomas resmunga, solta o ar pelo nariz e abre um sorriso irônico. Quase. Mas não exatamente.

Nossa estrela... claro que é o Sol. Um romano. Será o nome de um imperador? Oferecem? Thomas morde o lápis, pensativo, até que a faixa seguinte começa a tocar. Talvez olhar pela janela ajude. Mas serve apenas para deixá-lo maravilhado, imaginando se algum dia vai se cansar desta vista, se vai pensar nela como algo corriqueiro e sem graça. Ele espera sinceramente que isso jamais aconteça. Porque aqui está ele, sozinho com o seu chá e suas palavras cruzadas e sua música, e lá fora está todo o resto.

A Terra ocupa toda a janela de dez centímetros de espessura: azul, verde, coberta de nuvens e muito, muito bonita. Tão grande que ele quase pode estender a mão e tocá-la. Thomas está em uma órbita terrestre alta, 35.000 quilômetros acima da superfície do planeta, e muito em breve será arremessado para o vazio, afastando-se da Terra a uma velocidade de 26,5 quilômetros por segundo. Em breve ela vai encolher e se tornar um ponto minúsculo na vastidão do espaço. Ele fecha os olhos e escuta a música, e diz a si mesmo que é claro que fez a coisa certa, que aquilo é exatamente o que ele queria.

O mundo de Thomas é um tubo hexagonal com nove metros de comprimento, dominado em uma das extremidades pela estação de trabalho e na outra por uma grande escotilha que leva a uma câmara de vácuo e daí para o gigantesco e infinito espaço.

Thomas não visita aquela extremidade da cápsula com frequência.

Entre as duas extremidades estão inúmeros equipamentos eletrônicos (Thomas desconhece a utilidade da maioria), uma série de portas que dão para os compartimentos de armazenagem que contêm as mais variadas coisas (em sua maioria desidratadas) necessárias para mantê-lo vivo durante sua jornada, e uma esteira, que ele usa para se exercitar e impedir que seus músculos atrofiem por completo.

Trata-se, para todos os efeitos práticos, de um lar. Possui uma rotina como um lar, até, mas em vez de sair de manhã para o trabalho e voltar para casa e ficar vendo televisão ou ouvindo música enquanto o jantar esquenta, Thomas começa cada dia em um saco de dormir preso na parede. Ele tentou dormir solto na microgravidade, mas seu corpo foi sugado para as saídas de ar. Em seguida, ele prepara o café da manhã, uma comida desidratada e sem gosto ou uma barra de frutas nutritiva, e depois se lava e usa a privada, o que é sempre divertido. Passa a manhã verificando todos os sistemas, depois chega a hora do exercício, e em seguida ele deveria ler todas as tarefas que terá de executar quando chegar a Marte... a principal sendo manter-se vivo, o que parece incluir bastante plantio de batatas.

A música cessa e é substituída por um barulho agudo, insistente e desagradável. Ele dá as costas para a janela, para o mundo, e dá um impulso na parede, nadando na gravidade zero até o monitor aparafusado na parede, seu livro de palavras cruzadas e o lápis pairando acima dele. A tela está mostrando as palavras NOVA CHAMADA.

— Que beleza — murmura ele enquanto a tela se dissolve em uma confusão de pixels, que se reorganizam para mostrar uma imagem falhada de um grupo de pessoas de terno diante de fileiras de técnicos sentados diante de terminais de computador.

— Aqui é o Controle da Missão para o Major Tom! — diz o homem que está no meio do grupo, alto, magro e com o cabelo preto penteado para trás. — Responda, Major Tom!

Thomas se ancora diante do monitor e uma imagem de sua cabeça, do tamanho de um selo postal, aparece no canto inferior da tela. Ele olha para a própria imagem e se pergunta se devia ter feito a barba; ele dispõe apenas de um barbeador elétrico para a tarefa, e o odeia. De repente lhe ocorre que provavelmente nunca mais na vida vai ter a oportunidade de usar uma lâmina de barbear. Seu cabelo castanho, salpicado de branco, está comicamente arrepiado, como algas balançando ao sabor da correnteza.

— Alô, Controle da Missão. Aqui é *Cabanank-1*, ouvindo vocês em alto e bom som.

Há uma comemoração dos técnicos, embora muito discreta, educada, britânica. O homem de terno, o diretor Baumann, olha de cara feia para a câmera.

— Você vai continuar chamando a *Ares-I* por esse nome ridículo, Thomas?

— Você vai continuar dizendo “aqui é o Controle da Missão para o Major Tom” todos os dias durante os próximos sete meses?

O cabelo do diretor Baumann é tão preto que ele deve pintar. Ele também nunca deixa de usar gravata, com o botão de cima da camisa orgulhosamente abotoado. Thomas desconfia de qualquer pessoa que use gravata para trabalhar nos dias de hoje. É totalmente desnecessário. Gravatas são para enterros, com os quais Thomas tem muita experiência, e casamentos, dos quais ele tem um conhecimento mediano. As camisas de Baumann são tão bem passadas que ou ele tem transtorno obsessivo-compulsivo ou uma esposa acorrentada a um ferro de passar no porão. Mas Thomas se dá conta de que o que ele mais detesta no diretor é a sua paixão por pranchetas. Ele nunca é visto sem uma. Consulta a que está segurando no momento.

— De acordo com nossos diagnósticos, todos os seus sistemas estão funcionando perfeitamente. Você já finalizou as verificações a bordo?

Thomas afasta com a mão o livro de palavras cruzadas que está pairando incriminadoramente diante da câmera e murmura algo evasivo. Baumann diz:

— Como deve saber, o lançamento foi executado impecavelmente. Você está adequadamente alinhado com a Órbita de Transferência de Hohmann e os motores estão funcionando perfeitamente. A viagem começou, Thomas. Seu destino está agora a quinhentos milhões de quilômetros de distância. De acordo com a NASA, existe uma pequena chuva de micrometeoroides nas proximidades, mas não deve causar nenhum problema.

Falando sobre o clima, mesmo no espaço. Muito britânico.

— Sabia que eu devia ter trazido guarda-chuva.

Os técnicos começam a rir. Uma mulher que segura um iPad como se fosse um bebê ajeita o cabelo com a mão livre.

— Estamos gravando esta sessão para liberar para a imprensa. E consta aqui que hoje é seu aniversário...? — A voz da mulher fica mais aguda, em um horroroso tom monótono.

Trata-se de Claudia, chefe de Relações Públicas. Thomas sabe que ela o odeia pelo que ele fez um ano atrás. Ela tem um corpo esbelto e queimado de sol, e Thomas tem para ele que ela passa todo o tempo livre engajada em algum tipo de exercício muito dispendioso, socando sacos de couro, tentando ser objetiva enquanto repara no cabelo desganhado e no rosto pálido de Thomas. Todas as vezes em que a viu, ela estava usando uma roupa diferente, anunciando discretamente o nome da grife ou do estilista para quem estivesse por perto, como se fossem senhas secretas para o seu maravilhoso e caro mundo da moda.

— Onze de janeiro. Mesmo dia, todo ano. Não me diga que colocaram um bolo em algum tubo por aqui? Não tem como ser pior do que o tubo de chá. É doce demais. E certamente não é o Earl Grey que eu pedi.

Baumann mexe as sobrancelhas, com um ar de *pelo amor de Deus, pare de ser um cretino rabugento*. Claudia manuseia o iPad.

— Temos alguém *muito especial* aqui para falar com você, Thomas...

Ele abre a boca e torna a fechá-la. É mesmo? Alguém especial? Será... será que é a Janet?

★ 3 ★

## 41 METROS ACIMA DO NÍVEL DO MAR

— O telefone da vovó está tocando — grita James.

Depois:

— Não tenho nenhuma camisa limpa.

E:

— Hoje tem educação física, cadê meu uniforme?

Seguido por:

— E eu odeio sanduíche de presunto. Não posso comer na cantina do colégio?

Gladys está sentada em sua poltrona de frente para a lareira na pequena sala de estar do número 19 da Santus Street, em Wigan, admirando seu longo roupão axadrezado e cor-de-rosa. É como os edredons que costumavam chamar de Continental Quilts na sua época. Ela gostaria de saber por quê. Será que eles vinham do continente? E por que precisariam deles por lá? Não fazia calor o tempo todo no continente? Ou, pelo menos, nos lugares para os quais as pessoas costumavam viajar quando diziam que iam “ao continente”? Lugares como Benidorm e tal?

James está de pé na entrada da cozinha, sem camisa, com os cotovelos brancos e ossudos encostando em cada lado da moldura da porta enquanto abre os braços, como que implorando que alguém faça alguma coisa. Ele vai pegar uma pneumonia, ficando ali parado, praticamente sem roupa, no meio de janeiro. Gladys pensa por um instante que ela pode tentar ajudar. Afinal de contas, é o seu celular que está tocando; James tem razão. Embora o som esteja abafado, como se o celular estivesse dentro de um balde no fundo de um poço. É impressionante o que eles conseguem fazer atualmente; James colocou uma música antiga como toque no lugar do som de campainha. É “Diamonds and Rust”, de Joan Baez, uma das preferidas de Gladys, apesar de deixá-la triste, e muitas vezes ela não sabe bem por quê. Talvez seja porque é uma música sobre se lembrar de coisas que aconteceram há muito tempo, e isso é praticamente tudo que Gladys tem feito ultimamente. Ela então se lembra de uma coisa que não tem relação com nada, mas que, na sua opinião, é algo que vale a pena recordar. “Wigan fica 41 metros acima do nível do mar.”

James resmungo e encara os cotovelos, os braços cruzados.

— Ellie! — chama Gladys da poltrona. — James está precisando de... umas coisas. Vou passar a camisa dele.

Escuta-se um grito abafado vindo do andar de cima. Gladys faz um muxoxo para o cabelo de James, comprido e ondulado demais para um menino de dez anos, e levanta com esforço o corpo magro. A sala de estar é pequena, apenas uma poltrona, o sofá e a televisão, uma porta que dá para a cozinha, onde fica a escada. Atrás do sofá há um cesto de plástico com uma pilha enorme de roupa lavada. A tábua de passar já está montada ao lado do sofá; está assim há meses. Para sempre. Gladys remexe na pilha, encontra uma camisa branca e liga o ferro na tomada.

— Vou lhe dar um trocado para comer alguma coisa no colégio.

James revira os olhos e vai ele mesmo vasculhar o cesto, de onde pega um short e uma camisa de rúgbi.

— Quer que eu passe essas roupas também? — pergunta Gladys.

James enfia o short e a camisa na mochila.

— Não precisa. Até a hora da merenda eles vão estar sujos de lama e provavelmente de sangue. Eu não sei por que temos de jogar rúgbi em janeiro. A gente devia fazer isso no verão.

— Seu avô sempre foi bom no rúgbi. Ele devia ter jogado por Wigan quando era mais moço.

Gladys examina os botões da camisa que esticou na tábua de passar. A costura está muito malfeita. Isso seria intolerável na sua época. Ela olha a etiqueta. Feito em Taiwan. Está explicado.

— Vovó!

Ellie aparece na porta da cozinha. Ela está usando maquiagem demais nos olhos, como de costume. O cabelo parece ter passado por um rolo compressor. E essa saia. Praticamente um cinto. Não que Gladys tenha moral para falar. Ela adorava uma minissaia. Belas pernas. Era o que todos os rapazes diziam. Foi a primeira coisa que Bill disse a ela, quando estavam em frente à lanchonete, perto do pub Ferris Wheel.

— Você tem belas pernas, broto.

Gladys gostava do Ferris Wheel. Um bom copo de cerveja preta no sábado à noite. Ela se pergunta se o pub ainda existe, mas depois se lembra de que foi demolido para dar lugar a um grande supermercado.

— Vovó!

Ellie entra na sala, se espreme entre o sofá e a parede e pega o ferro, que estava parado em cima da camisa de James.

— Era só o que me faltava.

Há uma grande mancha marrom, com o desenho do ferro, bem em cima do bolso.

Ellie leva as mãos ao rosto.

— Ele só tem três camisas.

— Vou passar outra — diz Gladys. Ela levanta a camisa e a examina criticamente. — As costuras desta aqui não prestavam, de qualquer jeito. Vou cortar para fazer de pano de chão.

— Deixa que eu passo — diz Ellie, gentilmente afastando Gladys da tábua de passar, segurando-a pelos cotovelos. — Vá se sentar. Já tomou o café da manhã?

— Uma torrada e uma xícara de chá seriam ótimos. Você viu meu celular? Eu ouvi ele tocando.

James já está vestindo uma camisa branca amarrotada.

— Essa aqui tá boa — diz ele, em um tom que sugere o contrário. — Não posso perder o ônibus.

— Não esqueça a merenda — diz Ellie, esfregando o lóbulo da orelha. — Alguém viu meu brinco?

— Alguém viu meu celular? — diz Gladys. — Eu liguei no carregador quando você chegou com as compras ontem à noite. Eu estava guardando a comida, agora me lembro.

James está de pé diante da geladeira, contemplando-a como se contivesse todo tipo de coisas maravilhosas. Ele estende a mão e retira seus sanduíches embrulhados em plástico.

— Ele tá aqui, vovó. Seu celular. Você deixou na geladeira. No lugar da manteiga.

James começa a rir e entra na sala com o telefone na mão. Ellie balança a cabeça.

— Vovó!

Gladys coça o queixo.

— Eu poderia jurar que liguei o telefone no carregador ontem à noite. Ali, no aparador.

O aparador, um móvel pequeno e barato, fica embaixo da janela. Sobre ele está uma tigela com duas tangerinas murchas, seguida por fotografias do pai e da mãe de Ellie e James. James aponta e começa a rir de novo.

— Ai, Jesus. Que nojo.

Atrás da tigela de frutas está o fio serpenteante do carregador do telefone de Gladys, com o conector espetado em um pacote de manteiga que começou a derreter e se espalhar no tampo envernizado.

— Pode deixar que eu limpo — diz Ellie, bufando. Ela olha para o celular. — James, tá na sua hora.

— Até mais tarde — diz ele.

Gladys observa James enfiando um biscoito na boca antes de sair. Ela pisca para o neto. *Nosso segredinho.*

Ellie olha de novo para o celular.

— Droga. Vou chegar atrasada na escola.

Ela corre para a cozinha (está sempre correndo, essa garota), e Gladys escuta a chaleira chiando e a torradeira em ação. Cinco minutos depois, Ellie aparece com uma xícara de chá e uma torrada com manteiga em um prato, com outra fatia de torrada pendurada na boca.

— Você é uma boa menina — diz Gladys.

Ellie fica de cócoras na frente de Gladys e tira a torrada da boca.

— Vovó — diz ela. Sempre séria. Sempre séria e apressada. — Vovó, me promete que hoje você não vai sair de casa. Nem ligar nenhum aparelho. Eu deixei um Tupperware na geladeira com o seu almoço. Para esquentar, é só colocar dois minutos no micro-ondas. Escrevi isso num papel e coleí na tampa. É só seguir as instruções, certo? Tá conseguindo fazer chá direitinho?

— Claro que sim — responde Gladys, em tom ofendido. — Eu não sou nenhuma criança. Vou fazer setenta e um.

Ellie faz que sim com a cabeça.

— Não abra a porta para ninguém e ignore qualquer ligação, a menos que apareça na tela que seja minha ou do James, tá bem?



Gladys bate continência para Ellie e começa a rir. Ellie continua séria. Ela olha em volta procurando sua mochila, a encontra perto do aparador e a pendura no ombro.

— Vou estar de volta às quatro. James deve chegar em casa às três e meia. Tá? Fique vendo TV. Não se esqueça de almoçar. Acho que podemos comer palitos de peixe no jantar. Depois vou ter que sair para trabalhar.

— Ótimo — concorda Gladys. — Se bem que eu preferia uma torta de carne com batata. Você sabia que não é mais permitido usar esse nome? Ela deve ser chamada de torta de batata com carne porque tem mais batata do que carne. Mas palitos de peixe com um pouco de molho está ótimo. Tenha um bom dia na escola.

Quando Ellie finalmente sai de casa, Gladys suspira. Às vezes ela não consegue ouvir os próprios pensamentos com a correria daquela casa. Ela olha em torno à procura do controle remoto e o encontra no aparador da lareira, aponta para a televisão e mexe nos botões até ela ligar. Notícias, notícias, notícias. Os mesmos idiotas no mesmo sofá. Algumas bobagens dos americanos. Gente partindo para uma viagem no espaço. Tantas opções e nada que valha a pena. Gladys poderia continuar a ler o seu livro se soubesse onde ele está. Ou se lembrasse do nome. Ou do que se trata.

Ela pega seu celular e fica se perguntando quem estava ligando da geladeira mais cedo. Não, não da geladeira. De dentro da geladeira. Enquanto o telefone estava na geladeira. Podia ser seu namorado, embora ele não use o telefone normalmente. Na verdade, ele nunca usa o telefone. Prefere e-mail. Gladys olha para a tela, que indica UMA CHAMADA PERDIDA seguida por um número que ela não reconhece... bem, um número que não tem um nome atrelado a ele, pelo menos. Então ela dá um pulo e quase deixa cair o celular quando ele começa a tocar.

— Alô? — Gladys escuta por um momento o que a jovem com uma voz muito agradável tem a dizer. Ela pensa um pouco e responde: — É verdade, eu acho que tenho um seguro de proteção financeira. Quantos empréstimos? Ah, uns seis ou sete, acho. Oito. Acionar o seguro? Parece interessante...